

ESPAÇO RURAL E TRANSFORMAÇÕES: O JOVEM NESTE CONTEXTO

Sicleide Gonçalves Queiroz¹

RESUMO: A presente pesquisa tem como foco uma investigação acerca das contribuições da escola básica para a permanência no campo de jovens que já concluíram o Ensino Médio, residentes na comunidade rural Alecrim, localizada no município de Teofilândia/BA. A problemática surgiu a partir da percepção de que nos últimos anos houve uma redução da migração para as cidades de jovens mais escolarizados neste espaço rural. A pesquisa, em andamento, mostra que a permanência no campo destes sujeitos está associada a fatores econômicos, culturais e educacionais. A contextualização teórica do objeto de estudo gira em torno de reflexões sobre as relações históricas entre educação e trabalho no espaço rural, o contexto e as perspectivas de vida dos sujeitos investigados a partir de autores como LEITE (1999), SANTOS (2003), OLIVEIRA (2003), FREIRE (1996), CARNEIRO (1998), PEREIRA (2004). A opção metodológica da pesquisa é a abordagem qualitativa. A coleta de dados se dá através do trabalho com grupo focal, questionários, roteiro de entrevistas e observação da realidade. Investigar o papel da escola básica na vida e comportamento dos jovens do campo é uma das propostas dessa pesquisa, busca-se assim compreender essas relações e as perspectivas de vida dos jovens num contexto de transformações sociais, culturais e econômicas no qual a diferenciação dos espaços urbano e rural reconfiguram-se e tornam-se cada vez mais tênues.

Palavras-chave: Ambiente rural; Juventude; Educação.

INTRODUÇÃO

Discutir juventude rural no contexto rural tem sido uma atividade gratificante, uma vez que esta temática foi escolhida, acima de tudo por uma questão identitária, partindo-se do pressuposto de que estou trabalhando, enquanto pesquisadora, com uma realidade que me sinto inserida, pois sou jovem e resido na zona rural desde que nasci, e por isso conheço com uma certa propriedade, os desejos, as dificuldades, os anseios, as mudanças que caracterizam a vida de tais sujeitos.

Em nosso país, marcado por desigualdades e exclusões, existe uma tendência dominante de considerar a população que vive no espaço rural como atrasada e fora do lugar no almejado projeto de modernidade. Dentre outros fatores que contribuem para a construção dessa imagem está o abandono a que foi submetido o mundo rural ao longo da história brasileira por parte dos governantes, não oferecendo sequer as mínimas condições de sobrevivência digna neste espaço.

Atualmente, emerge embora que ainda timidamente, uma discussão provocada por pesquisadores, educadores, membros da sociedade civil, movimentos sociais, críticos e cientistas da educação, no tocante a questões relacionadas às particularidades do contexto sócio-cultural, econômico, histórico e educacional que constitui a vida das populações rurais.

Nesse debate insere-se a necessidade de se pensar acerca da educação que é oferecida nas escolas rurais, onde normalmente reproduz o modelo de ensino construído para as escolas da

¹ Graduada em Pedagogia (UNEB) e especializanda em Educação e Pluralidade Sócio-Cultural (UEFS) E-mail: keuqueiroz@bol.com.br Orientadora: Prof^ª Dra. Maria Cleonice Barbosa Braga.

zona urbana, levando, muitas vezes, ao desencanto do aluno pela escola, pois trabalha com uma proposta pedagógica muito longínqua da sua realidade rural, contribuindo significativamente para o crescimento da evasão escolar neste espaço.

A evasão escolar de adolescentes, jovens e adultos no espaço rural, muitas vezes, está associada ao processo migratório para as grandes metrópoles em busca de uma vida melhor: profissão, emprego, estabilidade financeira, continuação dos estudos em nível superior, dentre outros. Mas nem sempre os objetivos almejados são realizados; muitos se submetem a morar nas regiões periféricas das cidades, enfrentam trabalhos em condições sub-humanas, com exigência de esforço físico, além da má remuneração da mão-de-obra, levando a sofrerem cotidianamente um processo de marginalização e exclusão nos espaços urbanos.

Porém, começa a surgir nas últimas décadas, em algumas áreas rurais, um novo comportamento, maneira de pensar e condições de sobrevivência do jovem rural, levando-os a permanecerem no meio rural, apoiados em uma concepção que desmistifica a ilusão de que a cidade é o lugar da civilização, do progresso financeiro, da inclusão social do sujeito do campo.

Partindo deste pressuposto é que surge a opção pelo objeto da pesquisa, onde se pretende fundamentalmente, identificar os motivos que levam os jovens rurais participantes da pesquisa a permanecerem no campo, buscando, desta forma, refletir as contribuições da escola para esta realidade.

São essas as inquietações que alimentaram o interesse de realizar a presente investigação, com o intuito de refletir sobre o contexto sócio-político e educacional da vida dos jovens que moram na Comunidade rural de Alecrim, município de Teofilândia/BA, buscando-se ouvir e refletir sobre as concepções, sonhos, expectativas, desejos, cotidiano, dificuldades, focando-se nesta discussão o papel da escola (modalidade: Ensino Médio) frente à vida que possuem atualmente.

O ESPAÇO RURAL EM TRANSFORMAÇÃO

Pensar sobre os elementos sócio-históricos, culturais, econômicos e educacionais que constituem a vida dos jovens rurais no contexto atual tem se tornado objeto de estudo de um número crescente de pesquisadores brasileiros nas últimas décadas. Isso decorre, principalmente, devido ao estreitamento cada vez maior no âmbito das relações entre campo e cidade, estabelecidas longinquamente por uma concepção de que o espaço rural é representado pelo *atraso* e o urbano pela *civilização*.

Neste contexto, não se pode perder de vista que a discussão sobre a dinâmica que põe em questionamento a dicotomia cidade/campo é apenas uma partícula dentro do universo de mudanças que o mundo atual está sofrendo, como afirma Lima,

Os acontecimentos da década de 1990, anos de tensões disruptivas (queda do socialismo, reforço de movimentos étnicos e liberalização agrícola crescente, crise do desemprego/globalização e crise ambiental – agudizados nos 1990 mas originalizadas em 1980 – ideologia do desenvolvimento local e políticas de descentralização), trouxeram mudanças nas representações e nas práticas. Em termos de discurso, o rural não é mais o agrícola, é o campo, uma paisagem rural associada à natureza, à memória de uma sociedade camponesa, um

patrimônio a preservar (...). A nova ruralidade se torna um estilo e vida. Opondo-se ao rural agrícola homogêneo, a ruralidade torna-se o rural da diversidade (...) (2005, p. 45).

Partindo deste contexto, as populações rurais que foram historicamente renegadas a marginalização e exclusões dentro do projeto de modernização da sociedade capitalista brasileira passaram a lutar incansavelmente por respeito às particularidades da vida no campo. Essa luta manifesta inquietação frente à imposição do padrão de vida legitimado pela sociedade capitalista, consumista e globalizada, criado pelas elites dominantes, geralmente residentes nas grandes metrópoles urbanas, tornando excluídos todos aqueles que não se inserirem neste contexto. Esta tendência torna tanto a população rural marginalizada como todos os indivíduos pertencentes à classe dos menos favorecidos: negros, índios, analfabetos, sertanejos. Como afirma Martins (2002):

As próprias populações rurais vitimadas pelo desenvolvimento econômico excludente, que todos testemunhamos, têm procurado seu próprio rumo, têm se alçado acima da indignidade que as vitima, têm proclamado seus direitos e têm questionado os responsáveis por sua situação. Os movimentos sociais do campo são a forma do protesto dos pobres da terra, o clamor dos sem voz porque não foram ouvidos no devido tempo (MARTINS: 2002 p. 226).

CONTEXTO E PERSPECTIVAS DO JOVEM RURAL

Em nosso país ainda é marcante a tendência de considerar a população rural como obsoleta, distante da projeção tecnológica e do processo de globalização que revolucionam a contemporaneidade, e que por isso são responsáveis pelo entrave no desenvolvimento econômico do país. Como forma de fuga à ausência de investimento sócio-político, cultural, econômico e educacional no campo, muitos jovens e também adultos migram para as áreas urbanas na tentativa de almejam uma vida melhor (profissão, emprego, estabilidade...), submetendo-se, em muitos casos, a habitarem nas periferias e a enfrentarem trabalhos em condições subumanas.

O deslocamento de grandes massas rurais para a cidade revelou-nos uma dimensão desdenhada do mundo rural: um modo de ser, uma visão de mundo e uma perspectiva crítica poderosa em relação ao desenvolvimento capitalista, à modernização anômala e à desumanização das pessoas apanhadas de modo anômico, incompleto e marginal pelas grandes transformações econômicas e políticas... (MARTINS: 2002, p. 221).

Dentre outros fatores, o abandono a que foi submetido o mundo rural ao longo da história da humanidade por parte dos governantes, tem contribuído fortemente para o abandono dos jovens do meio rural, uma vez que não são oferecidas sequer as mínimas condições para a sobrevivência digna neste espaço. Diante do exposto, ainda há quem diga que as questões referentes à educação e o meio rural já estão solucionadas com o advento da modernização, partindo do ponto de vista de que o capitalismo modernizou a agricultura brasileira e que os que vivem no campo possuem acesso aos recursos tecnologicamente disponíveis. Sobre esta visão, questiona VENDRAMINI (2004, p.146):

Não se menciona, entretanto, o preço de tal modernização: destruição da agricultura familiar; devastação e degradação dos empregos rurais; miséria da população rural; deterioração do meio ambiente. Ao lado da modernização, observam-se trabalhadores

produzindo em pequenas propriedades com o uso apenas da enxada e do arado, populações sem energia elétrica, com estradas em péssimas condições de uso, sem atendimento à saúde, com escolas funcionando em construções inadequadas que contam no máximo com carteiras, quadro, giz e merenda escolar irregular.

Assim, é possível observar que o capitalismo, ao lado da modernização, penetra na área rural em consonância com os interesses das camadas superiores economicamente (proprietários, latifundiários), enquanto que o pequeno agricultor, que utiliza a agricultura como forma de sobrevivência e não como meio de adquirir lucro continua utilizando instrumentos considerados primitivos para plantar e colher, desprovido de qualquer recurso tecnológico específico para tal fim. Neste contexto, as revoluções tecnológicas para o campo da agricultura trouxeram mais possibilidades para os ricos gerirem riqueza, e para os pobres a possibilidades de ficarem ainda mais pobres.

A escola do campo precisa investir em uma interpretação crítica da realidade, na tentativa de possibilitar à população que habita nas áreas rurais a construção de conhecimentos potencializadores, de modelos de agricultura, de novas matrizes tecnológicas, da produção econômica e de relações de trabalho e da vida a partir de estratégias solidárias, que garantam a melhoria da qualidade de vida dos que vivem e sobrevivem no e do campo, “o movimento por uma educação do campo deve ser vinculado ao conjunto das lutas pela transformação das condições de vida no campo”. (ARROYO, 2005, p.152-153).

O PAPEL DA ESCOLA

Nesta perspectiva, a escola do campo seria o produto de uma construção coletiva da proposta educativa, ouvindo-se as experiências daqueles que são os maiores conhecedores do meio rural: homens, mulheres, crianças, adultos e velhos que, com muita sabedoria dialogam permanentemente com a natureza, identificando a linguagem dos ventos, da chuva, do clima, do solo, do sol. Assim, estaríamos “(...) encarando a educação como uma importante ferramenta para fortalecer um projeto popular de desenvolvimento para o país” (OLIVEIRA, 2003, p.84).

Assim, é preciso que a sociedade como um todo crie a consciência da importância do entrelaçamento entre todas as culturas para o enriquecimento do processo de construção do conhecimento, reconhecendo-se a existência das relações de interdependência entre cidade e campo e eliminando-se a concepção discriminatória ao considerar a população rural como um entrave no desenvolvimento no país.

A perspectiva intercultural pretende construir uma educação capaz de compreender a complexidade das interações humanas, superar preconceitos e exclusão sociocultural, promovendo mudanças profundas na educação: currículo, metodologias, técnicas, instrumentos pedagógicos, formação de professores/as, quadro administrativos (ALMEIDA, 2006, p.21).

Educar para/na diversidade ainda é um dos grandes desafios das escolas brasileiras na atualidade. Educadores, coordenadores pedagógicos, estudiosos da educação, buscam incansavelmente caminhos que tornem real e possível a educação na perspectiva da inclusão, considerando-se os mundos diversos que constituem a sala de aula, onde as linguagens dos alunos possam ser colhidas produtivamente pelo professor e transformadas em situações de aprendizagem significativa.

Isso porque a sala de aula é uma amostra da diversidade que compõe o universo humano, por isso se caracteriza realmente como uma tarefa árdua lidar, numa perspectiva pedagógica, com uma classe constituída por diferenças diversas: realidade sócio-econômico-cultural, concepção religiosa, preferência sexual, nível cognitivo, raça, capacidades físicas, mentais e psicológicas... Porém, a necessidade de uma ação pedagógica voltada para o respeito às diversidades vai além de uma postura pedagógica; é a possibilidade de contribuirmos para a construção de uma sociedade mais solidária, mais humana, mais justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, através de uma discussão teórica em torno das multifacetadas que constituem a construção histórica do espaço rural, focando o jovem neste cenário, simboliza as intenções, desejos a serem explorados ao longo da investigação que ainda está em processo de germinação.

A pesquisa encontra-se em fase da análise dos dados, mas a partir do 1º Encontro com o Grupo Focal foi possível perceber que os jovens possuem uma visão crítica acerca dos processos de marginalização que o espaço rural tem sofrido historicamente e já começam a enxergar que a migração para o espaço urbano como uma ilusão.

Isso porque adquiriram meios de sobrevivência no espaço rural, mesmo sendo atividades desvinculadas da agricultura e pecuária, principais atividades econômicas do meio rural: dos sete jovens, cinco trabalham como professoras da rede Municipal de Ensino, um porteiro de uma escola municipal e outro trabalhava como diarista rural, mas na ocasião do encontro estava com a passagem comprada à São Paulo em busca de um trabalho de carteira assinada.

Portanto, esta pesquisa pretende aprofundar as reflexões no sentido de questionar as transformações ocorridas no espaço rural, relacionando-as às transformações do mundo atual no que diz respeito ao processo de globalização, ao estreitamento das relações entre o espaço rural e urbano, bem como o papel da escola na vida destes jovens frente a permanência dos mesmos no ambiente rural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro e MOREIRA, Maria Candido. **Educação intercultural: uma experiência em assentamento rural.** Presente! Revista de educação. ANO XIV-Nº 52.

ARROYO, Miguel. **Por uma escola do campo.** Petrópolis: Vozes, 2005.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: Novos estudos sobre exclusão, nobreza e classes sociais.** 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes: 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In DESLANES, Suely (*et al*). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 4º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOREIRA, Roberto José (org.) e CARNEIRO, Maria José. [et al.] *Identidades sociais: Ruralidades no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

OLIVEIRA, Everton Fêrrêr de. **Colaboração Educacional como gerador de ações educativas críticas na formação de professores da Educação Básica do Campo**. *Pedagogia: a revista do curso*, ano 2, nº 4, jul./dez., 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

VENDRAMINI, Célia Regina. **A escola diante do multifacetado espaço rural**. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v.22, n.01, p.145-165, jan. /jun. 2004.